

Compreende este volume, além de documentos oficiais sem interesse para nós, um curso de férias sobre história económica do Brasil que o Prof. Afonso Arinos de Melo Franco fez em Montevideu. Trata-se de um «curso de síntese», que se desenrola rapidamente em três conferências não muito longas.

O autor abre com algumas palavras de introdução em que mostra como a moderna «arte» de escritores brasileiros «tem tido em vista a pesquisa de elementos capazes de contribuir para uma compreensão exacta e realista da formação nacional». Observa que, tanto no campo do romance como no da antropologia, etnologia, geografia, sociologia, etc.—se verifica um contacto cada vez mais estreito da inteligência com a realidade.

Depois, referindo-se às várias histórias do Brasil até hoje publicadas, nota que elas se restringem quasi ao aspecto exclusivamente político, sem terem em conta os restantes aspectos que integram a história. E' pena que o Prof. Melo Franco não se pronuncie sobre as relações entre a história económica e a história política. Parecendo considerar as ambas autónomas, dá-nos a impressão de que não reconhece no devir histórico a inter-relação dialéctica dos vários factores concretos.

Ora, se se entender que a história económica e a história política não podem separar-se, tal como pensamos, só pode chamar-se história económica a um quadro de factos económicos passados,

Síntese da História Económica do Brasil,

por Afonso Arinos de Melo Franco, Rio-1939

em qualquer ordenação interpretativa. Por outras palavras: considerando-se que a economia reage sobre a política como a política reage sobre a economia, admitindo-se a existência de inter-acções reciprocas entre os factores sociais, não pode considerar-se a história económica uma disciplina interpretativa, mas tão só descritiva e, como tal, accessória.

Talvez por assim entender, o Prof. Melo Franco quis dar um panorama *descritivo* da história económica do Brasil. Mas, para o fazer, como se tratava de apresentar aos seus ouvintes colecções de factos desligados da totalidade da vida histórica, teve de começar por classificar esses factos, o que o levou a distinguir *ciclos* de produção em que predomina um certo produto e *comércios anclares*, accessórios desse produto. E é assim que divide a sua exposição deste modo: 1—Ciclo de Pan-Brasil (comércios anclares: exportação de algodão, algumas sementes oleaginosas, e principalmente escravos e animais vivos); 2—Ciclo do açúcar (tabaco e criação de gados); 3—Ciclo de mineração: ouro e diamante; 4—Ciclo do café (desenvolvimento industrial).

Mas, este método nunca podia conduzir senão a uma enumeração de factos económicos, que, desligados do clima histórico próprio, perdem todo o carácter concreto. O Prof. Melo Franco mostra com o seu trabalho (que eu reconheço condicionado pelas circunstâncias oficiais em que teve de escrevê-lo) a falência da história económica como disciplina puramente descritiva. (E já sabemos que ela só pode ser descritiva, porque, admitindo-se a interdependência estrita dos factos históricos, estes não podem conter em si mesmos a sua significação, não podem interpretar-se a si mesmos.)

A história económica, como disciplina autónoma, parece-nos condenada a desaparecer. Tivemos a história política; temos ainda a separação entre história política, por um lado, e história económica, por outro; caminhamos para a *história humana* que só pode ser obra colectiva de equipas de especialistas, entre os quais inevitavelmente terão de contar-se os melhores conhecedores dos factos económicos.

Apante este reparo fundamental ao trabalho do Prof. Melo Franco, devemos dizer que a sua exposição elegante e o seu descritivo sóbrio nos agradaram muito. Como primeiro guia para o conhecimento dos factos económicos da vida brasileira do passado, parece-nos dever considerar-se este livrinho como um complemento indispensável de *Épocas de Portugal económico* do ilustre erudito Lúcio de Azevedo.

RODRIGO SOARES

Huasipunga e Nas cuas, romances de Jorge Icaza

em plena escravidão, com todos os agravamentos de ordem moral que traz a escravidão económica.

... ..
Cabanas ignóbeis, sujas, vida em comum com os porcos, os cães e as galinhas, sem o mais elementar instrumento indispensável ao lar, a não ser algumas miseráveis louças de terra-cota. Dias esgotantes e como alimento milho assado. O único prazer é a embriaguez. O Indiano não tem lar. Separa-se da sua mulher e dos seus filhos quando o patrão manda. As

filhas são para o patrão. A mulher é para o patrão. Se o filho do patrão (o «gamonal») tem necessidade dum ama vai-se procurá-la entre as Indalnas que tiveram partos recentes; pouco importa que o filho delas vá morrer de fome. A religião? Uma grosseira superstição constituida em grande parte pelo medo do Inferno.

... ..
A higiene? E' aqui que se situa o quadro horrível da cura da gangrena do Indiano Andrés Chilinguinga, a morte da Cunshi e o episódio do pedaço de carne putrefacta que se desenterra, para ver em que consiste a higiene do Indiano.

Pelo dinamismo da sua ac-

(Continua na página seguinte)

* Acaba de iniciar-se em França uma colecção dirigida pelo prof. Paul Hazard destinada a auxiliar a preparação para a entrada nas Faculdades de Letras. A colecção *Le livre de l'étudiant*, pois assim se chama, compreenderá duas séries: por um lado, estudos de autores (capa azul), por outro, textos difíceis de encontrar (capa grenat).

Encontram-se já publicados os seguintes volumes: D. Morner, *Comment préparer et rédiger une dissertation française* (12 fr.); A. Cart, *La poésie française au XVII. siècle 1594-1630* (18 fr.); J. Plattard, *La vie et L'oeuvre de Rabelais* (12 fr.).

* Acaba de aparecer «La Guerre de 1870-1871 et la Commune» de Georges Bougin (Editions Nationales). Sobre este livro escreve Benda na *N. R. F.*: «Obra capital para quem quer conhecer em pormenor, pelo texto e pela imagem, um período sobre o qual os historiadores da República lançam como que um véu e que parece, hoje mais do que nunca, ... duma importância capital».

* Thomas Mann, cuja actividade no exílio tem sido notável, publicou recentemente em francês (edição original) o livro *La Victoire de la Démocratie*.

* Os editores americanos, depois de maduras reflexões, recusam-se a imprimir novas cartas da Europa.

* A 13 de Fevereiro último a S. D. N. recebeu 400 quadros fidos de Espanha, dentre os quais 115 de Goya e 43 de Greco.

* Saiu o livro *Notre Tunisie* de Andrée Vlollis, que é a autora de *Indo-Chine S. O. S.*, livro que tinha sido prefaciado por André Malraux.

* Foi posto à venda o livro de Thomas Mann sobre Schopenhauer em que ele defende a tese de que «o pessimismo de Schopenhauer é a sua humanidade».

* Anunciamos, rectificando uma noticia dada pela revista «Síntese», de Coimbra, que foi finalmente publicado o livro de James Joyce esperado há 12 anos. O seu primitivo titulo *Work in Progress* foi mudado para *Finnegan's Wake*.

* Em «Itinerario de América», revista mensal que se publica em Buenos Aires, vem reproduzido um esboço que o nosso querido camarada Abel Salazar publicou na revista brasileira «Esfera».

Por engano, fizeram acompanhar a reprodução das palavras seguintes: «Uma nota típica del Brasil». O nome, que foi estropeado para Abel Salaz, é seguido da indicação *brasileño*.